

Módulo para Multiplicadores em Proteção e Defesa Civil



Universidade Federal de Santa Catarina
Centro Universitário de Estudos e Pesquisas sobre Desastres

Módulo para Multiplicadores em Proteção e Defesa Civil



© 2014. Secretaria Nacional de Proteção e Defesa Civil – SEDEC/Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Todos os direitos reservados. A responsabilidade pelo conteúdo e imagens desta obra é do(s) respectivo(s) autor(es). A citação desta obra em trabalhos acadêmicos e/ou profissionais poderá ser feita com indicação da fonte. A cópia desta obra sem autorização expressa ou com intuito de lucro constitui crime contra a propriedade intelectual, com sanções previstas no Código Penal, artigo 184, Parágrafos 1º ao 3º, sem prejuízo das sanções cíveis cabíveis à espécie.

PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Excelentíssima Senhora Dilma Vana Rousseff

MINISTRO DA INTEGRAÇÃO NACIONAL

Excelentíssimo Senhor Francisco José Coelho Teixeira

SECRETÁRIO NACIONAL DE PROTEÇÃO E DEFESA CIVIL

Excelentíssimo Senhor Adriano Pereira Júnior

Diretor do Departamento de Minimização de Desastres

Armin Augusto Braun

Coordenadora Geral de Prevenção e Preparação

Cristianne da Silva Antunes

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Magnífica Reitora da Universidade Federal de Santa Catarina

Professora Roselane Neckel, Dr^a.

Diretor do Centro Tecnológico da Universidade Federal de Santa Catarina

Professor Sebastião Roberto Soares, Dr.

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE DESASTRES

Diretor Geral

Professor Antônio Edesio Jungles, Dr.

Diretor Técnico e de Ensino

Professor Marcos Baptista Lopez Dalmau, Dr.

FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Superintendente Geral

Professor Gilberto Vieira Ângelo, Esp.

Prefácio

O Módulo para Multiplicadores em Proteção e Defesa Civil tem como objetivo fornecer informações básicas e sugestões que possam nortear a sua atuação como multiplicador dos conteúdos de Proteção e Defesa Civil, com ênfase na redução de riscos e desastres.

Esse Módulo está sendo oferecido de forma complementar ao Curso de Gestão de Desastres e Ações de Recuperação, sendo fruto da parceria entre a Secretaria Nacional de Proteção e Defesa Civil (SEDEC) e o Centro Universitário de Estudos e Pesquisas sobre Desastres (CEPED/SC).

O material produzido tem como finalidade apresentar informações a respeito do papel do multiplicador em Proteção e Defesa Civil, sensibilizar para a Redução de Riscos de Desastre e oferecer ferramentas pedagógicas que possam facilitar os processos de ensino-aprendizagem.

Desejamos a todos os participantes um excelente curso e esperamos que ele contribua para o aperfeiçoamento das suas atividades profissionais e para a sua atuação como formador de agentes de Proteção e Defesa Civil. Também esperamos que, com este curso, você contribua com a sociedade e outros profissionais que atuam de forma direta ou indireta com ações relacionadas ao Sistema Nacional de Proteção e Defesa Civil.



Armin Braun

Diretor do Departamento de Minimização de Desastres

Apresentação

Caro participante,

É importante você saber que, ao longo dos anos, a Secretaria Nacional de Proteção e Defesa Civil tem desenvolvido oficinas, cursos e capacitações em diferentes áreas relacionadas à gestão de riscos e ao gerenciamento de desastres. Nosso objetivo é atuar continuamente na preparação dos agentes de Proteção e Defesa Civil e da comunidade com o foco na Redução de Riscos de Desastres (RRD) e na minimização dos seus impactos para a sociedade.

Considerando suas dimensões continentais, a atuação em redução de riscos de desastres no Brasil apresenta-se como um desafio constante. Por isso, o Sistema Nacional de Proteção e Defesa Civil prevê a participação de todos como multiplicadores da cultura de prevenção a desastres. Observe que na realidade somos responsáveis pelo enfrentamento dessas situações.

O objetivo deste módulo para o multiplicador é disseminar informações e sugestões que possam nortear a sua atuação como divulgador dos conteúdos de Proteção e Defesa Civil. A pretensão é contribuir para que os participantes sejam capazes de construir novos conhecimentos, aprimorar os já existentes, e, principalmente, compartilhá-los por meios de palestras, cursos, oficinas nos Estados e Municípios. Além disso, é importante que os conteúdos de Proteção e Defesa Civil sejam inseridos de forma transversal nas atividades cotidianas de trabalho, nas relações familiares, nas escolas, dentre outros.

Sabemos que são múltiplos os espaços de formação (rádio, televisão, internet, igrejas, ONGs, associações comunitárias, entre outros) e que em qualquer um desses locais é possível multiplicar nosso conhecimento, aprendendo e ensinando. Seja um multiplicador e crie espaços para trocar experiências e compartilhar conhecimentos sobre Redução de Riscos de Desastres.

Então, vamos iniciar a leitura! Lembre-se de que se precisar de ajuda, você pode entrar em contato com o seu tutor, ele está sempre pronto para auxiliá-lo

SECRETARIA NACIONAL DE PROTEÇÃO E DEFESA CIVIL
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE DESASTRES

Coordenação do Projeto

Janaina Rocha Furtado CEPED UFSC
Leno Rodrigues de Queiroz SEDEC/MI
Monica Curcio de Souza Tostes SEDEC/MI

Textos

Janaina Rocha Furtado

Colaboração

Luana Gonçalves de Sousa
Marcelo Kamada

Revisão de Conteúdo

Leno Rodrigues de Queiroz
Monica Curcio de Souza Tostes

EQUIPE DE DESENVOLVIMENTO DE RECURSOS DIDÁTICOS CAD/UFSC

Coordenação de Produção de Recursos Didáticos

Denise Aparecida Bunn

Supervisão de Produção de Recursos Didáticos

Érika Alessandra Salmeron Silva

Designer Instrucional

Patrícia Regina da Costa

Ilustração

Joice Balboa

Projeto Gráfico

Annye Cristiny Tessaro

Diagramação

Claudio José Girardi

Revisão de Português e Normalização ABNT

Patrícia Regina da Costa

Módulo para Multiplicadores em Proteção e Defesa Civil

*“Ouço e Recordo
Leio e Memorizo
Faço e Aprendo”.*
(Confúcio)

O Papel do Multiplicador em Proteção e Defesa Civil

O multiplicador desenvolve o papel de mediador no processo de ensino-aprendizagem do conteúdo relacionado à Proteção e Defesa Civil. Assim sendo, ele é responsável por sensibilizar as pessoas sobre Redução de Riscos de Desastres (RRD), possibilitando que sejam criadas ou aperfeiçoadas as formas de responder aos desastres e preveni-los.

A Redução de Riscos de Desastres se refere às ações de minimização de vulnerabilidades e riscos de desastres, com o objetivo de evitar ou de limitar o impacto desses eventos na sociedade. De acordo com a Estratégia Internacional para Redução de Desastres (EIRD, 2004), essas ações estão voltadas para:

- A análise de riscos, incluindo análise de vulnerabilidade e análises e monitoramento de ameaças/perigos.
- A conscientização de modificar o comportamento.
- O desenvolvimento do conhecimento, incluindo informação, educação, capacitação e investigação.
- O compromisso político de estruturas institucionais, incluindo informação, política, legislação e ação comunitária.
- A aplicação de medidas incluindo gestão ambiental, práticas para o desenvolvimento social e econômico, medidas físicas

e tecnológicas, ordenamento territorial e urbano, proteção de serviços básicos e formação de redes e alianças.

- Os sistemas de detecção e alerta precoce, incluindo prognóstico, previsão, difusão de alertas, medidas de preparação e capacidades de enfrentamento.

Para reduzir riscos de desastres é necessário:

- Aumentar a resiliência das comunidades.
- Reduzir a vulnerabilidade das populações, considerando aspectos relacionados:
 - ▶ à infraestrutura;
 - ▶ à educação;
 - ▶ à saúde;
 - ▶ ao uso e à ocupação do solo;
 - ▶ a questões organizacionais e institucionais de Proteção e Defesa Civil;
 - ▶ à percepção de risco, etc.
- Capacitar lideranças e demais atores das comunidades.
- Fortalecer as capacidades comunitárias existentes

Portanto, é fundamental sensibilizar as pessoas quanto aos riscos e capacitá-las para se autoprotegerem e atuarem na Redução de Riscos de Desastres, participando ativamente do Sistema Nacional de Proteção e Defesa Civil.

Dentre as suas funções específicas, um multiplicador deve:

- estimular diferentes atores sociais a se engajarem em ações de RRD de forma autônoma e permanente;
- facilitar a aprendizagem e a troca de conhecimentos;
- multiplicar informações, conhecimentos e experiências sobre RRD;
- conduzir pessoas ou grupos a criar respostas adequadas a novas ou velhas situações relacionadas à RRD;
- favorecer a integração e o relacionamento entre os participantes das atividades que promove.

O multiplicador se envolve, portanto, em processos de aprendizagem. Ele se disponibiliza a ensinar e, ao fazê-lo, igualmente se disponibiliza a aprender. A obra de Paulo Freire (2001) permeia a ideia de que educar é aprender, é conhecer, é ler o mundo para poder transformá-lo. E não é isso que queremos? Agir para reduzir as vulnerabilidades aos desastres? Melhorar a qualidade de vida das populações e tornar as cidades mais resilientes a esses fenômenos? Preparar as comunidades para que saibam se proteger e possam prevenir desastres?

O que pode ser feito para sensibilizar as pessoas e facilitar a aprendizagem acerca dos assuntos relacionados à Redução de Riscos de Desastres? Vamos ver algumas sugestões neste módulo para o multiplicador:

O multiplicador terá acesso a algumas sugestões de atividades, mas é sempre autônomo para inovar e aperfeiçoar as propostas a partir da realidade local e de sua própria experiência como multiplicador.

Sensibilizar para a Redução de Riscos de Desastre

Um dos objetivos da sensibilização é demonstrar ao setor público e privado e à própria comunidade a importância em atuar nas ações de RRD. Sensibilizar ganha, aqui, o sentido de mobilizar para agir. Esperamos que o multiplicador contribua para tornar os temas Proteção e Defesa Civil e Redução de Riscos de Desastres parte do cotidiano das pessoas, das suas conversas, das relações, dos espaços em que circulam e das suas práticas sociais.

Em geral, os agentes de Proteção e Defesa Civil sensibilizam crianças e adultos por meio de:

- reuniões;
- eventos;
- oficinas;
- cursos e capacitações; e
- campanhas.

São estratégias que implicam organização prévia, delineamento de metas e mobilização das pessoas para que participem da atividade. É necessário fazer uma boa comunicação que envolva o público que se deseja alcançar. Observe que essas atividades demandam diversas

ações de planejamento (Qual estratégia utilizar? Para quê? Para quem? Onde? Entre outros).

A escolha de uma determinada estratégia de sensibilização deve levar em consideração alguns questionamentos básicos:

- O que você quer alcançar?
- O que você tem condições de desenvolver?
- O que é prioridade ou necessário que seja feito neste momento?

Veja, a seguir, algumas **ações a desenvolver**:

- Defina objetivos claros e simples: você sabe onde quer chegar? A atividade tem objetivos definidos? A demarcação de objetivos é um ponto primordial para manter a sua motivação e a do grupo. Os objetivos proporcionam um norte para os multiplicadores e os participantes. Dessa maneira, é interessante que o multiplicador apresente os objetivos antes de iniciar cada encontro e esteja apto para fornecer *feedback* aos participantes com ênfase nas questões ou aspectos que estão consonantes a esses objetivos. Desenvolva e compartilhe objetivos claros, definidos e sem ambiguidade. Elabore-os a partir das condições disponíveis para concretizá-los.
- Saiba o que fazer em cada etapa: se você tem os objetivos, você precisa elaborar estratégias para alcançá-los. Você tem clareza das etapas do projeto ou atividade? Você definiu a estrutura e os conteúdos que serão abordados? Como monitorar se os seus objetivos estão sendo alcançados? Definir cada etapa do processo da atividade e estabelecer métodos para avaliar suas ações garante que você não se decepcione ao final. Assim, verifique se você está ciente do que desenvolver em cada etapa e elabore ferramentas de acompanhamento, procurando receber os *feedbacks* do trabalho que está sendo realizado. Faça isso ao final de cada etapa e ao final da atividade.

Se você quer desenvolver atividades de sensibilização à redução de riscos de desastre, atuando como multiplicador, você precisa:

- Conhecer o seu público-alvo: você conhece a realidade local? Você sabe quais são as suas principais preocupações? Qual a experiência anterior deste público com relação ao assunto? O que já foi desenvolvido? Saiba que uma etapa fundamental para um bom multiplicador é a contextualização, ou seja, ele

Você encontrará exemplos no material complementar.

Feedback: resposta, à fonte emissora, sobre o resultado de uma ação, mensagem, trabalho etc., o que realimenta o processo; retorno. Fonte: Ferreira (2010).

precisa conhecer as pessoas com as quais deseja desenvolver a atividade, os seus valores, a cultura, as prioridades, a história, entre outros.

Com relação aos riscos de desastres, é importante que o multiplicador busque informações sobre cada região. Além das informações atualmente disponibilizadas no *Atlas Brasileiro de Desastres Naturais* (CEPED UFSC, 2012/2013), por meio de conversas com as lideranças comunitárias é possível reconstruir alguns aspectos históricos da ocorrência de desastres na localidade.

- Mobilizar para o encontro: você mobilizou adequadamente as pessoas para a sua atividade? O tema que você quer compartilhar é de interesse deste público? Se o público não tiver interessado, procure desenvolver outras estratégias que o sensibilize sobre o tema.

Você pode fazer isso por meio de encontros, reuniões, palestras, materiais informativos e de divulgação. Verifique quais são os espaços de troca, os meios de comunicação mais utilizados pelo público-alvo, os locais de encontro. No caso das comunidades, procure as lideranças comunitárias e articule-se com elas. Se você optar por realizar reuniões para mobilização, produza uma pauta e a ata quando necessário. Garanta a apresentação dos participantes e possibilite que desses encontros se estabeleçam metas para os projetos do grupo, incluindo reuniões.

Caso você opte por desenvolver outras atividades, precisará elaborar um plano de comunicação. Então, vamos ao trabalho!

Para elaborar o seu plano de comunicação defina:

Objetivos – Estratégias – Para Quem – Quando

Agora, observe o Quadro 1:

Pergunte-se quanto:	
Ao conteúdo:	Qual é o ponto principal que deseja transmitir para o seu público? Que ideia você espera que o público absorva da sua mensagem?
À língua (refere-se às palavras que você escolhe para comunicar a mensagem):	A escolha de palavras é clara ou poderia suscitar diferentes interpretações? A linguagem é apropriada para o seu público-alvo?
À mensagem ou fonte (refere-se à pessoa que vai entregar a mensagem):	O mensageiro tem a confiança de seu público-alvo? Com quantas pessoas ele pode se comunicar?
Ao formato ou meio (refere-se ao canal de comunicação utilizado para a entrega da mensagem):	Qual é o formato mais atraente para chegar ao seu público?
Ao tempo e lugar:	Quando e onde vai entregar a sua mensagem? Existe alguma ocasião que possa tornar mais receptiva a sua mensagem? Existem outras formas de tornar a sua mensagem mais atrativa?

Quadro 1: Aspectos importantes para elaborar um plano de comunicação
Fonte: Adaptado de WHO/UNAIDS (2008)

- Abrir espaço para a participação: você está com o seu plano de trabalho fechado? Há possibilidade de construir a proposta coletivamente ou inserir as sugestões? Sempre que possível viabilize a participação de todos na montagem da atividade, por meio da inserção de suas sugestões e ideias. Envolve os participantes no planejamento e, muito provavelmente, os resultados serão mais eficientes.

Pois bem, você planejou a atividade:

- Decidiu o que fazer, delineando os objetivos gerais com base na pertinência da sua proposta para a realidade local e das suas condições de desenvolver a atividade.
- Levantou informações sobre o público-alvo, seus anseios e necessidades.
- Estabeleceu os aspectos gerais de cada etapa do projeto, especialmente quais os conteúdos abordar.

- Esboçou as estratégias de comunicação com o objetivo de mobilizar o público-alvo para participar da atividade proposta.

Se a sua atividade envolver capacitações e treinamentos, você precisará organizar a estrutura e o conteúdo de cada encontro. A grande maioria das ações de sensibilização está estreitamente relacionada a processos de ensino-aprendizagem. Este material dá ênfase às atividades de cunho mais pedagógico e espera fornecer alguns subsídios para que você organize cada seção, ou seja, cada dia de curso ou oficina. Por isso, apresentamos a seguir breves considerações acerca do processo de aprendizagem e orientações para elaborar uma boa oficina, palestra ou apresentação.

Como Facilitar os Processos de Ensino-Aprendizagem

Devemos partir do seguinte pressuposto: educar é compartilhar, ou seja, educar é uma ação dialógica, comunicativa, em que todos os envolvidos se modificam, aprendem e ensinam. Nesse sentido, o multiplicador deve estar preparado para trocar experiências, afetos, conhecimentos e informações.

Ele deve se abrir à curiosidade dos aprendizes e encontrar formas criativas de aprender com eles para abordar os assuntos necessários. Sugerimos que você não desenvolva uma ação solitária e unidirecional, por meio da qual são transmitidas informações inquestionáveis, mas uma relação com outros sujeitos, os quais possuem seus próprios arcabouços de conhecimentos. Essa relação envolve afetos, imaginação e criação porque as pessoas trazem para o processo de ensino-aprendizado a sua própria realidade, suas histórias e memórias, se dispondo a reconstruir o futuro, imaginando novas formas de ver o mundo, a partir do desenvolvimento de novas habilidades, atitudes e valores.

De acordo com o manual *Facilitando Oficinas: da teoria à prática* (GETS, 2002), o diálogo é um aspecto fundamental, pois fortalece a capacitação e aprimora a aprendizagem. Então, devemos considerar:

- **escutar** com atenção e sem resistência a cada relato;
- **não julgar** os pontos de vista e opiniões diferentes;

Você observará que este material está centrado na aprendizagem de adultos. Caso necessite de informações sobre atividades voltadas a crianças e adolescentes, sugerimos pesquisa nos centros de pesquisa e organizações relacionadas à Gestão de Riscos e Desastres. No AVEA você encontra o livro para pesquisa.

- **rever pressuposições**, estando receptivo a opiniões que não fazem parte da sua visão de mundo;
- **investigar**, examinando o todo que engloba as partes; e
- **refletir** sobre os significados compartilhados e o processo como um todo.

A aprendizagem fica facilitada quando:

- o aprendiz está envolvido na solução de problemas reais;
- são ativadas experiências relevantes anteriores;
- novos conhecimentos e habilidades são demonstrados ao aprendiz;
- novos conhecimentos e habilidades são aplicados pelo aprendiz; e
- novos conhecimentos são integrados ao mundo do aprendiz.

Em geral, os participantes de atividades relacionadas à redução de riscos de desastres são agentes de Proteção e Defesa Civil, representantes de órgãos setoriais e órgãos de apoio do Sistema Nacional de Proteção e Defesa Civil (SINPDEC), lideranças comunitárias, etc. Os participantes possuem diferentes características com relação ao nível de escolaridade, tipo de formação, acesso aos meios virtuais e digitais, aspectos culturais, religiosos, experiências anteriores com o assunto, tempo de serviço na área, entre outros aspectos.

O multiplicador provavelmente atuará junto a grupos heterogêneos, cuja dinâmica e interesses se modificam de acordo com os objetivos e o local-foco da atividade. Cabe ao multiplicador, integrar os diferentes conhecimentos e experiências sobre o tema, possibilitando uma ampla troca de informações e o respeito à diversidade de crenças, valores e opiniões que o público apresenta.

É importante que o multiplicador utilize uma linguagem acessível, explicando sempre que possível e necessário os termos técnicos utilizados. Evite expressões ou piadas pejorativas e cuide para não expor o participante diante dos demais. Diga aos participantes, o que você espera deles, quando os objetivos não forem definidos em conjunto.

No caso de formação de adultos, lembre-se de que algumas pessoas adotarão uma postura reservada nas atividades de grupo até se sentirem seguras de que não serão expostas ou ridicularizadas.

O ciclo de aprendizagem de adultos possui algumas características específicas:



Figura 1: Ciclo de aprendizagem experiencial
Fonte: Adaptada de Kolb (1984)

Os adultos têm necessidade de aprender algo novo, mas a aprendizagem deve estar centrada na vida ou na resolução de problemas reais. Por isso, devemos considerar a necessidade de um ambiente confortável e seguro para o aprendizado, no qual as situações possam ser vivenciadas, enfatizando conteúdos práticos ou técnicas experimentais.

Valorize o diálogo, as atividades participativas e as experiências práticas, pois isso permite ampliar a compreensão de novos conhecimentos e a resolução de problemas. A imagem a seguir retrata uma visita guiada sobre percepção de riscos de desastre na comunidade Pirajubaé, Florianópolis, Santa Catarina.



Figura 2: Atividade de campo guiada sobre percepção de riscos de desastres Pirajubaé, Florianópolis, SC
Fonte: CEPED UFSC (2010)

Neste material, partimos da premissa de que as pessoas percebem e processam informações de maneiras diferentes. Por isso, o multiplicador deve utilizar modalidades sensoriais diferentes para apresentar ou trabalhar os conteúdos com os participantes, como:

- vídeos;
- dinâmicas;
- imagens;
- debates; e
- trabalhos em grupos.

Saiba que as seções teóricas costumam ser mais densas em função da quantidade de informações e da dinâmica de aprendizagem. Já as seções com atividades práticas, a partir de estudo de caso, dinâmicas de grupo, dramatizações, simulações e outras ferramentas, promovem maior interatividade entre o grupo e maior sinergia de trabalho. O ideal é mesclar teoria e prática, apresentando novos conceitos e desenvolvendo atividades participativas.

Esteja ciente de que as pessoas veem o mundo de formas diversas e, possuem diferentes ritmos de aprendizagem e preferências. Por isso, utilize múltiplos métodos de trabalho (estratégias visuais, auditivas e táteis) e motive os participantes a aprender.

Considere estes princípios de aprendizado:

- Os participantes aprendem mais com uma comunicação bidirecional – enfatize a interação, estimulando a participação.
- Os participantes são mais receptivos ao aprender coisas que serão úteis e em situações do dia a dia – realize conexões entre a teoria e a realidade concreta, trazendo exemplos, estudos de caso, etc.
- Os participantes aprendem melhor em um clima de cooperação informal e quando são tratadas com respeito – estimule o relacionamento entre os participantes.
- Os participantes respondem a estímulos positivos – garanta que eles os participantes recebam *feedback* construtivo.
- Os participantes têm ideias para contribuir – crie oportunidades para que todos façam suas contribuições e sejam escutados com respeito.

É importante que você saiba que a participação é preciosa e, também, delicada. Preciosa, pois ao trazerem suas experiências, os participantes elaboram e se apropriam melhor das informações. Delicada, tendo em vista que o multiplicador deve cuidar para que as participações não saiam do foco dos objetivos traçados, ou tomem demasiado tempo daquele disponível para o módulo.

Aspectos para o Planejamento das Atividades

De modo geral, para elaborar um plano de atividade, você pode seguir estes passos:

1º Passo: definir o tema, os objetivos da capacitação e o tempo disponível para tal (Para onde vou?).

Além de detalhar esses aspectos, é fundamental apresentá-los aos participantes no início das atividades.

2º Passo: elaborar a avaliação com base nos objetivos da capacitação (Como sei que cheguei?).

Estabeleça uma metodologia de acompanhamento das suas ações e, também, da atividade que está sendo proposta. No caso de atividades com mais de um encontro, por módulos ou unidades, pode ser interessante fazer uma avaliação após cada seção e uma outra ao final do curso. Existem diferentes métodos de avaliação, fechada ou aberta, variando da aplicação de questionário a um *feedback* entre os participantes. O importante é que a avaliação esteja de acordo com os objetivos da atividade. A avaliação pode estar diretamente relacionada ao conteúdo e também ao processo de organização e oferta da atividade, tais como: local, organização, multiplicadores.

3º Passo: desenvolver o conteúdo (principais tópicos) de acordo com os objetivos, o tempo e o público-alvo.

Esquematize a apresentação (introdução, principais assuntos e conclusão). Concentre-se nos principais pontos. Não tente ser muito abrangente.

4º Passo: escolher o método e as técnicas que serão utilizados no desenvolvimento da lição (Como vou?).

Varie os métodos de ensino e procure não discursar por muito tempo (preferencialmente não mais do que 20 minutos). Prepare alguns exemplos práticos e promova atividades com os participantes.

5º Passo: identificar possíveis problemas e preparar todos os meios auxiliares necessários à apresentação (Com que recursos?).

Tenha uma programação flexível. Prepare-se para descartar alguns assuntos/exercícios (no caso de faltar tempo). Prepare-se para incluir assuntos/exercícios adicionais (no caso de sobrar tempo).

6º Passo: elaborar o plano, ensaiar e voltar a revisar.

Conheça a sua apresentação. Pratique em voz alta. Revise e respeite o tempo. Desenvolva espontaneamente. Solicite retroalimentação (*feedback*). Atualize os *slides* (sugestão: 1 *slide* a cada três minutos).

Se for necessário, confeccione:

- a descrição do curso/oficina/palestra;

- a agenda/cronograma do curso/oficina/palestra;
- a lista de participantes;
- o material para projeção; e
- o modelo/informações para certificado.

É importante que cada dia, ou apresentação, seja organizada em três momentos, observe:

- **Seção Introdutória**

A introdução da atividade deve cativar o público. Inicie de forma confiante e traga à plateia uma noção do que vai apresentar, utilizando mecanismos para quebrar o gelo e atrair o público.

A seção introdutória abrange:

- boas-vindas aos participantes;
- apresentações;
- resumo das expectativas;
- revisão dos objetivos e proposta de programação; e
- atividade de aquecimento.

Sugerimos que o multiplicador faça uma introdução em cada dia, resgatando os conteúdos abordados no dia anterior, dando boas-vindas aos participantes e criando um ambiente caloroso para o desenvolvimento das atividades.

- **Seção Principal**

A seção principal abrange a apresentação dos conceitos-chave ou faz a abordagem do conteúdo precisamente. É importante levar em consideração o desenvolvimento das atividades participativas com foco na aprendizagem.

A seção principal abrange:

- apresentação do tópico; e
- desenvolvimento das atividades estruturadas de aprendizagem (participativas de preferência).

Fique atento para desenvolver o assunto do geral para o específico, do simples para o complexo, e utilize pontos de referência claros com encadeamento lógico. Repita as informações importantes para reforçar a estrutura lógica. Utilize atividades participativas e

diferentes ferramentas pedagógicas. Sinalize o final da apresentação e utilize atividades de fechamento para amarrar o conteúdo e seus objetivos.

- Seção de Fechamento

Ao final de cada dia é importante realizar a avaliação das atividades desenvolvidas e do progresso obtido em relação ao conteúdo. Também é preciso repassar as tarefas que ficaram para os participantes e encerrar as atividades. Quando for possível, sugerimos aplicar alguma técnica de fechamento como dinâmica de grupo, por exemplo.

A seção de fechamento abrange:

- compartilhamento de reações e observações relacionadas às atividades de aprendizagem;
- resumo dos aprendizados significativos obtidos;
- planos de ação para as tarefas de casa;
- avaliação do dia ou da atividade; e
- atividade de fechamento.

Resumo de Ações de Preparação para a Atividade

Elabore um *check list* básico de planejamento das atividades.

Com relação aos participantes:

- Verificar o número de participantes inscritos e, se possível, traçar um perfil deles, de modo a sistematizar com antecedência as necessidades, as expectativas e as capacidades dos participantes. Preste atenção às diferenças de idade e de gênero, aos níveis de educação e de experiência.
- Verificar se receberam informações completas sobre a logística do evento, como, local, hora e duração da atividade.

Com relação à logística:

- Verificar o local e antecipar a configuração da sala para cada um dos dias da atividade. Sugerimos o formato em “U” para as sessões centradas em debate e desenvolvimento de conceitos e formato em círculo para o fechamento e avaliação final.
- Verificar os equipamentos audiovisuais.

- Identificar o funcionamento e os horários disponíveis para os lanches. Solicitar informações sobre os locais para as refeições, avaliando tempo de deslocamento necessário e reajustando os horários da oficina de acordo com as necessidades. É possível fazer um intervalo menor de almoço, desde que todos os módulos sejam discutidos sem prejuízo.
- Verificar a localização de tomadas, interruptores de luz e controles de ar e TV, espaço na parede para colar as folhas de papel pardo, mesas, etc.

Com relação aos materiais e recursos:

- Verificar se está com todo material necessário: apresentações, vídeos, listas, roteiros, pincéis, etc.
- Preparar materiais para a distribuição e uso em sala de aula: roteiros, informações sobre atividades, cartilhas.

Com relação ao conteúdo:

- Revisar cada um dos módulos em detalhes, incluindo as apresentações em Power Point, os exercícios e materiais de apoio.
- Atualizar informações ou dados incluídos nos materiais do participante.

Fique Atento ao Local

O multiplicador deve estar preparado para se adequar a diferentes situações (espaços amplos e confortáveis ou salas com cadeiras fixas e pouca mobilidade interna), elaborando alternativas de acordo com cada contexto, minimizando os efeitos negativos das possíveis restrições sobre as atividades que solicitam maior interatividade.

Assim, fique atento para:

- O número de participantes na sua atividade.
- O tamanho e formato da sala disponível. Reflita, antecipadamente, sobre como organizar espaço, etapa a etapa, construindo o melhor cenário para as atividades menos interativas e mais interativas.
- A disponibilidade de equipamentos audiovisuais.
- A iluminação e a ventilação.



Figura 3: Oficina de sensibilização para prevenção a desastre, Florianópolis, SC
Fonte: CEPED UFSC (2010)

Durante as apresentações

- Manter uma postura correta, peso bem dividido entre os dois lados do corpo.
- Utilizar expressões faciais e gestos com naturalidade e harmonia.
- Utilizar vocabulário adequado à plateia e ao tema. É preciso tomar cuidado com regionalismos, gírias e jargões ou expressões politicamente incorretas.
- Manter o dinamismo durante a atividade.
- Manter bom contato visual com o público.
- Usar bom volume de voz, sem gritar. Da mesma forma, cuide para que a velocidade da fala seja adequada, começar devagar e acelerar pode criar entusiasmo.
- Evitar o uso de grande número de animações e informações por *slide*, pois isso é cansativo.
- Controlar os vídeos que mostrará.

Ferramentas Pedagógicas

Ao realizar capacitações, o multiplicador poderá utilizar diferentes ferramentas com o objetivo de aprofundar os temas selecionados (técnicas de dinâmica de grupo, apresentações, estudos

de caso, jogos pedagógicos, etc.). Muitas dessas ferramentas promovem um clima descontraído entre os participantes, facilitando o processo de ensino-aprendizagem.

Você pode utilizar técnicas como estas:

- estimular a participação do grupo;
- desinibir e facilitar a socialização entre os participantes;
- favorecer a criação coletiva do conhecimento e o melhor desenvolvimento das atividades; e
- promover espaços “seguros” para a discussão e a reflexão aberta.

Veja agora os objetivos e as vantagens de algumas ferramentas que você poderá utilizar em suas atividades como multiplicador em Proteção e Defesa Civil.

Apresentação	<p>Objetivos</p> <ul style="list-style-type: none"> ● introduzir um novo assunto aos participantes; ● fornecer uma visão geral ou resumo; ● transmitir fatos, estatísticas; e ● falar a um grande grupo. <p>Vantagens</p> <ul style="list-style-type: none"> ● contemplar muito conteúdo em pouco tempo; ● útil para grandes grupos; ● pode ser adaptada a qualquer tipo de estudante; ● pode preceder técnicas de treinamento mais práticas; e ● o apresentador tem mais controle do que em outras situações.
Estudo de Caso	<p>Objetivos</p> <ul style="list-style-type: none"> ● discutir problemas comuns numa situação típica; ● proporcionar uma oportunidade para o desenvolvimento da habilidade de resolver problemas; e ● promover a discussão em grupo e a resolução de problemas. <p>Vantagens</p> <ul style="list-style-type: none"> ● o estudante pode se identificar com a situação; ● envolve um elemento surpresa; ● a situação hipotética não envolve riscos pessoais; e ● os estudantes se envolvem.

<p>Demonstração/ Dramatização</p>	<p>Objetivos</p> <ul style="list-style-type: none"> ● ensinar uma habilidade ou técnica específica; e ● construir uma abordagem que use a filosofia “passo a passo”. <p>Vantagens</p> <ul style="list-style-type: none"> ● facilidade em prender a atenção do estudante; ● mostra aplicações práticas do método; e ● envolve os estudantes quando praticam o método por conta própria.
<p>Dinâmica de Grupo</p>	<p>Objetivos</p> <ul style="list-style-type: none"> ● ajudar a mudar a atitude das pessoas; ● permitir que as pessoas vejam as consequências de seus atos; ● proporcionar uma oportunidade para que os estudantes vejam como as outras pessoas podem se sentir/comportar em determinada situação; ● produzir um ambiente seguro para explorar problemas que, caso fossem discutidos na vida real, possivelmente os deixariam incomodados; e ● permitir que os estudantes explorem abordagens alternativas para lidar com a situação. <p>Vantagens</p> <ul style="list-style-type: none"> ● estimulante e divertido; ● prende a atenção do grupo; e ● simula o mundo real.
<p>Discussão em Pequenos Grupos</p>	<p>Objetivos</p> <ul style="list-style-type: none"> ● aprimorar as habilidades de resolução de problemas; ● ajudar os participantes a aprenderem uns com os outros; ● dar aos participantes um senso maior de responsabilidade no processo de aprendizagem; ● promover o trabalho em equipe; e ● esclarecer individualmente. <p>Vantagens</p> <ul style="list-style-type: none"> ● os estudantes desenvolvem um controle maior sobre o seu aprendizado; ● a participação é encorajada/incentivada; e ● permite o reforço e esclarecimento da lição por meio da discussão.

Quadro 2: Objetivos e vantagens de algumas ferramentas para o multiplicador
Fonte: Elaborado pelos autores deste material

Algumas técnicas podem ser utilizadas especialmente nos primeiros encontros do grupo, ou podem ser realizadas no início de cada dia, com o objetivo de estreitar as relações entre os participantes e de “aquecer” o grupo para as atividades de ensino. Outras podem ser utilizadas visando criar condições para o debate, reflexão e discussão em grupo. Também existem técnicas mais apropriadas para as finalizações das atividades, expressão de opiniões, afetos e *feedbacks*. Os jogos pedagógicos, por exemplo, possibilitam que o grupo vivencie, por meio de atividades simuladas, situações semelhantes à sua realidade. Você também pode utilizar vídeos, painéis e debates para aumentar a reflexão sobre temas diversos, conectar conteúdo e prática e encorajar a participação.

A seguir, saiba um pouco mais sobre dinâmica de grupo e jogos pedagógicos.

Técnicas de Dinâmica de Grupo e Jogos Pedagógicos

As técnicas de dinâmica de grupo se referem a procedimentos utilizados como suporte metodológico, à reflexão e à discussão dos conteúdos ou temáticas de um determinado evento. Por meio de atividades de caráter lúdico, possibilitam transformar e integrar a experiência vivida para formar novos pontos de vista.

Os Jogos Pedagógicos são vivências com base em simulações propostas aos participantes, que permitem ampla participação, forte comprometimento e manifestação das emoções.

É fundamental que essas ferramentas sejam utilizadas em consonância com os objetivos pedagógicos pretendidos. O multiplicador deve ter clareza do que pretende alcançar com a atividade, e quais as possibilidades e limitações, próprias e do grupo. As técnicas e jogos precisam ser selecionados de acordo com as características do grupo, tempo de trabalho em conjunto e resultados esperados.

Veja no quadro a seguir algumas **sugestões de técnicas de dinâmica** de grupo e jogos pedagógicos:

Há inúmeras outras técnicas disponíveis, as quais você também pode utilizar e adaptar. Considere que há técnicas de dinâmica de grupo que devem ser aplicadas por profissional ou pessoa capacitada. Por isso, escolha técnicas com as quais você tenha condições de trabalhar.

Dinâmica de Grupo	Jogos Pedagógicos
<p>Técnicas iniciais para o levantamento de informações do grupo:</p> <ul style="list-style-type: none"> ● diagnóstico; ● expectativas; ● visão de futuro; ● retrato da vida; e ● entrevista. 	Jogos para apresentação.
<p>Técnicas para discussão e análise de questões em paralelo:</p> <ul style="list-style-type: none"> ● grupos rotativos; ● painel duplo; ● painel regressivo; e ● construção coletiva de conceito. 	Jogos para animação, concentração e atenção (com o objetivo de descansar e relaxar o grupo).
	Jogos para sensibilização e associação a conteúdos (para trabalhar os conteúdos ou temas centrais).
	Jogos para divisão de grupos (para formar grupos através da seleção aleatória dos participantes, de maneira divertida e movimentada).

Quadro 3: Sugestões de técnicas de dinâmica de grupo e jogos pedagógicos

Fonte: Elaborado pelos autores deste material

Antes de escolher a ferramenta a ser utilizada, devemos fazer estes questionamentos:

- Qual o objetivo?
- Em que momento utilizá-la?
- Qual a sua importância no processo de aprendizagem?
- Quais os materiais e espaços necessários?
- Quais as possibilidades e limitações desta técnica?
- O que devo saber?
- Como devo me preparar?

Sugerimos que você se organize, veja como:

Escolha o instrumento	Ajuste-o ao tempo disponível, de acordo com o número de participantes e o espaço físico	Prepare o material necessário	Prepare-se
-----------------------	---	-------------------------------	------------

Figura 4: Organização

Fonte: Elaborada pelos autores deste material

Na prática, você deve fazer o seguinte:

- Explique a atividade:
 - ▶ descreva os objetivos específicos da atividade de aprendizagem;
 - ▶ dê instruções claras;
 - ▶ informe sobre o tempo necessário, deixando claro acerca das expectativas de resultado;
 - ▶ responda às perguntas; e
 - ▶ organize os grupos.
- Conduza a atividade adequadamente:
 - ▶ acompanhe o desenvolvimento da atividade;
 - ▶ esclareça o que for necessário;
 - ▶ ajude na realização da atividade;
 - ▶ monitore o tempo;
 - ▶ observe as interações entre os participantes;
 - ▶ esclareça os comentários que possam confundir;
 - ▶ estimule a discussão adicional; e
 - ▶ desenvolva o consenso.

Onde Procurar Informações sobre Redução de Riscos de Desastres

Se você deseja ser um multiplicador sobre o tema Redução de Riscos de Desastre (RRD), é importante que você tenha constantemente acesso a informações sobre o assunto. Diariamente são anunciadas as publicações de novos materiais e ferramentas sobre RRD nos *sites* das organizações que atuam nesta área. Recicle seus conhecimentos, acesse os *sites* de pesquisa e acompanhe os documentos e notícias atualizadas sobre desastres. No material complementar deste módulo de multiplicadores, você encontrará um material elaborado pelo CEPED UFSC com as instituições e endereços eletrônicos de centros de pesquisa e informação sobre desastre de diversos países. Você também encontrará algumas sugestões de documentos e materiais audiovisuais para organizar e complementar as suas atividades.

Complementando

Para ajudá-lo no entendimento do conteúdo tratado neste módulo leia o texto a seguir, que traz orientações sobre como organizar uma oficina de preparação para desastres.

Oficina de Preparação para Desastres

- ▶ **Finalidade:** a oficina de Preparação para Desastres tem a finalidade de capacitar os gestores e os agentes dos órgãos de Proteção e Defesa Civil para executar as ações de preparação, resposta e recuperação a desastres de acordo com as prerrogativas instituídas pelo SINPDEC.
- ▶ **Objetivos:**
 - ▶ Capacitar em torno de 50 agentes de Proteção e Defesa Civil por oficina nos conteúdos relacionados à preparação, resposta e recuperação a desastres.
 - ▶ Desenvolver a oficina por meio de aulas teórico-práticas, ofertadas em 32 horas/aula consecutivas, abordando os conteúdos indicados.
 - ▶ Estimular a execução, por parte do órgão de Proteção e Defesa Civil local, de simulado de preparação para desastres, ao final da oficina.
- ▶ **Resultados esperados:** espera-se que o participante da oficina seja capaz de:
 - ▶ Conhecer a estrutura organizacional da Secretaria Nacional de Proteção e Defesa Civil.
 - ▶ Desenvolver as ações de preparação, resposta e recuperação a desastres de acordo com a legislação nacional vigente em Proteção e Defesa Civil.
 - ▶ Utilizar os mecanismos disponíveis no SINPDEC para decretar, solicitar reconhecimento e recursos para situações de Emergência e Estado de Calamidade Pública em seu Município ou Estado, incluindo os planos de resposta e recuperação, Cartão de Pagamento de Defesa Civil e prestação de contas.
 - ▶ Identificar e operar os procedimentos de registro de ocorrência de desastres, por meio do Sistema Integrado

de Informações sobre Desastres (S2ID) e do Formulário de Identificação de Desastres (FIDE).

- ▶ Conhecer a operacionalização do Centro Nacional de Gerenciamento de Riscos e Desastres (CENAD) e os protocolos de atuação do Sistema Nacional de Monitoramento, Alerta e Alarme.
- ▶ Elaborar o Plano de Contingência de Proteção e Defesa Civil (PLANCON).
- ▶ Utilizar ferramentas do Sistema de Comando em Operações na resposta aos desastres.
- ▶ Desenvolver os Simulados de preparação para desastres.
- ▶ **Público-alvo:** as oficinas foram ofertadas em todo o território nacional, sendo seu público prioritário os gestores e os agentes de Proteção e Defesa Civil dos Municípios e Estados.

Contexto para a Realização das Oficinas

Todos os anos as regiões brasileiras são afetadas por eventos adversos de diferentes naturezas, provocando danos e prejuízos a muitos municípios do país. O Sistema Nacional de Proteção e Defesa Civil (SINPDEC) vem implementando ações e programas estratégicos com a finalidade de reduzir os riscos e minimizar o impacto desses eventos. Recentemente, foi instituída a Plataforma Brasileira de Redução de Riscos de Desastres, reformulada a Política Nacional de Proteção e Defesa Civil (PNPDEC), criadas leis específicas, procedimentos e tecnologias para aperfeiçoar os mecanismos de preparação, resposta e recuperação a desastres em todo país.

Trata-se de um processo gradual de desenvolvimento do SINPDEC, o qual depende da contínua capacitação de seus agentes para que operem esses mecanismos com foco na redução de riscos de desastres, contribuindo constantemente para o aprimoramento do Sistema em seus distintos níveis de atuação.

Com o objetivo de atualizar os agentes de Proteção e Defesa Civil no que concerne aos assuntos e procedimentos adotados pela PNPDEC relacionados à preparação, resposta e recuperação a desastres, a Secretaria Nacional de Proteção e Defesa Civil se empenhou em oferecer Oficinas de Preparação para Desastres para todas as regiões do Brasil.

As oficinas servem como ferramenta de capacitação e atualização de conteúdos, mas, fundamentalmente, para estreitar o relacionamento entre os órgãos de Proteção e Defesa Civil ligados ao SINPDEC, com foco na redução de riscos de desastres; na atuação preventiva e preparatória; na minimização dos danos, prejuízos e sofrimento humano decorrentes destes eventos; na resposta eficaz aos desastres; e na rápida recuperação dos municípios afetados.

Metodologia da Oficina

A oficina tem o objetivo de maximizar os conhecimentos prévios dos participantes e promover o intercâmbio de conhecimentos, ideias, habilidades e experiências. Ela utiliza uma série de métodos que incluem apresentações teóricas dos multiplicadores, intercâmbio de ideias, discussões em grupo, exercícios práticos, e apresentações de materiais multimídia.

Desenvolvimento: aspectos gerais

A oficina é constituída de sete módulos, totalizando 32 horas aula, os quais são ministrados em quatro dias consecutivos. Os módulos iniciais da oficina correspondem a aulas teóricas com inserções de atividades práticas. Os dois últimos dias da oficina culminam com atividades eminentemente práticas de elaboração de planos de contingência e simulados de mesa. Se o Município ou Estado aderir à realização, *in loco*, do exercício Simulado de Preparação para Desastres, os participantes da oficina são convidados a tomar parte do simulado no quinto dia após o fechamento das atividades em sala.

Cada oficina é ministrada por uma equipe de multiplicadores, os quais devem distribuir entre si as responsabilidades e conteúdos abordados de acordo com as suas experiências e habilidades para desenvolver os temas propostos. É importante que todos os multiplicadores sejam identificados pelos participantes desde o início da oficina e tenham clareza de como ela será desenvolvida etapa por etapa, por cada multiplicador ou pela equipe em conjunto.

Se a equipe optar por designar um dos multiplicadores como coordenador da equipe, de modo a direcionar as demandas da turma, este deve ser assim apresentado em momento inicial da oficina, ficando responsável por dar os encaminhamentos gerais da oficina e por fazer as relações entre os conteúdos e apresentações específicas.

O objetivo é que a oficina se constitua como um processo dinâmico e interativo entre os participantes, de modo que eles possam apresentar suas experiências e dúvidas no que se refere aos temas abordados.

O tempo calculado de aprendizagem durante cada dia é de, aproximadamente, 6 horas (sem incluir os almoços e recessos). A total assistência e a participação em todas as seções devem ser obrigatórias, devido à curta duração do curso e pelo fato de que as seções incitam ao debate contínuo e atividades práticas em grupo.

Os principais assuntos a serem abordados nas oficinas são:

- Legislação Vigente.
- Reconhecimento Federal para Situações de Emergência ou Estado de Calamidade Pública.
- Transferência de Recursos para as Ações de Resposta.
- Cartão de Pagamento de Defesa Civil.
- Transferência de Recursos para as Ações de Reconstrução.
- Plano de Contingência de Proteção e Defesa Civil.
- Simulados de Preparação para Desastres.

Informações Gerais sobre os Módulos

Módulo I: Legislação Vigente

Neste módulo são apresentadas a Lei n. 12.608 e a Lei n. 12.340 e as demais legislações vigentes em Proteção e Defesa Civil, as quais instituem a nova Política Nacional de Proteção e Defesa Civil e definem as atribuições dos Municípios, dos Estados e da União na gestão dos riscos e gerenciamentos dos desastres. O objetivo principal do módulo é informar aos participantes sobre os dispositivos legais existentes, os quais orientam suas ações e tirar dúvidas dessa legislação que, ainda, é recente no país.

Módulo II: Reconhecimento Federal para Situações de Emergência ou Estado de Calamidade Pública

A finalidade deste módulo II é apresentar os mecanismos existentes para solicitar o reconhecimento federal para as situações de Emergência ou Estado de Calamidade Pública. Nesse sentido, expomos o conteúdo da Instrução Normativa n. 1, que estabelece procedimentos

e critérios para a decretação de Situação de Emergência ou Estado de Calamidade Pública e para o reconhecimento federal das situações de anormalidade decretadas pelos entes federativos. A instrução trata, também, do Sistema Integrado de Informações sobre Desastres (S2ID), por meio do qual o órgão de Proteção e Defesa Civil registra as ocorrências e solicita o reconhecimento federal.

Módulo III: Transferência de Recursos para Ações de Resposta

Após requerer o reconhecimento federal, o órgão de Proteção e Defesa Civil pode solicitar recursos para as ações de resposta, dependendo do nível do evento. Esses recursos são caracterizados como de transferência obrigatória. Este módulo apresenta os procedimentos utilizados para que essa solicitação de recursos para resposta seja efetuada pelo Município ou Estado, além de apresentar os modelos de planos de resposta e de prestação de contas.

Módulo IV: Cartão de Pagamento de Defesa Civil

O Cartão de Pagamento de Defesa Civil (CPDC) é o meio pelo qual a União transfere recursos para resposta a desastres e faz o acompanhamento deste recurso de forma transparente. Foi instituído em 2011 e, neste módulo, há a informação de como este cartão pode ser obtido e utilizado pelo órgão de Proteção e Defesa Civil.

Módulo V: Transferência de Recursos para Ações de Reconstrução

O órgão de Proteção e Defesa Civil pode solicitar recursos à União para recuperar o município afetado por um desastre. Existem procedimentos específicos para realizar essa solicitação à Secretaria Nacional de Proteção e Defesa Civil. Neste módulo, são apresentados esses procedimentos, incluindo os planos de trabalho e a prestação de contas desses recursos.

Módulo VI: Plano de Contingência de Proteção e Defesa Civil

Este módulo tem a finalidade de apresentar a relevância do plano de contingência como ferramenta de preparação para desastres e ensinar ao participante a elaborar o plano a partir do PLANCON, metodologia desenvolvida pela SEDEC. Os módulos VI e VII são mais práticos e exigem do participante o preenchimento do PLANCON, a reflexão sobre cenários de risco e a discussão em grupo.

Módulo VII: Simulados de Preparação para Desastres

O módulo VII trata da organização e execução de simulados de preparação para desastres. Nele, os participantes precisam construir um organograma tendo como base o Sistema de Comando em Operações (SCO), a partir do plano de contingência elaborado na etapa anterior e identificar as atividades de resposta adotadas pelo comando para gerenciar a crise. A proposta é desenvolver um simulado em sala para que o participante possa ter a experiência da gestão de um desastre e as dificuldades encontradas na tomada de decisões na ausência de um plano de contingência efetivo.

Observe agora o que você não pode deixar de abordar:

- O principal objetivo deste curso é desenvolver no participante uma visão pragmática dos assuntos já abordados, de modo a concatená-los no corpo do plano de contingência, com vistas a uma aplicação prática.
- A Secretaria Nacional de Proteção e Defesa Civil adotou um modelo padrão de Plano de Contingência, que contempla aspectos essenciais a serem inseridos no planejamento da resposta. Todavia, faz-se necessário esclarecer que o modelo é sugerido e pode ser adaptado conforme a realidade local.
- Em alusão ao ciclo de gestão em Proteção e Defesa Civil, de acordo com a doutrina e legislação vigente, verifica-se que o planejamento de contingência, embora seja uma ação típica da preparação, estende seu alcance até a etapa de resposta. Em outras palavras, o planejamento deve abranger ações de preparação e de resposta. Esta última, como já mencionado, abrange três grandes grupos de ações: socorro, assistência e reabilitação dos cenários.
- Naturalmente, um desastre não faz parte da rotina dos municípios, de modo que as ações a serem desempenhadas não condizem com as comumente adotadas. Faz-se necessária a organização e a delimitação precisa da função a ser desempenhada por cada órgão ou pessoa envolvida, sob pena de ficarmos reféns da “síndrome do herói”, onde todos almejam ser reconhecidos como tais, preferencialmente na capa de jornais de grande circulação, fotografados com a vítima amparada nos braços. Não que as ações de socorro não sejam importantes – por sinal, são as prioritárias – mas há diversas outras que sequer são imaginadas por muitas pessoas, a exemplo na montagem de abrigos temporários, distribuição de alimentação às vítimas, triagem de doações, reestabelecimento do fornecimento de energia elétrica, dentre outras de vital importância. Dessa forma, o plano tem como

objetivo precípua a organização das ações desempenhadas pelos diversos órgãos envolvidos na preparação e na resposta, a fim de reduzir ao mínimo o tempo de resposta, estritamente ligado à mitigação dos efeitos danosos.

- A Lei Federal n. 12.608, de 10 de abril de 2012, prevê que é atribuição dos municípios incluídos no cadastro nacional com áreas suscetíveis à ocorrência de deslizamentos de grande impacto, inundações bruscas ou processos geológicos ou hidrológicos correlatos, a elaboração de plano de contingência de Proteção e Defesa Civil, no prazo de um ano, sendo submetido à avaliação e à prestação de contas anual, por meio de audiência pública, com ampla divulgação
- O plano de contingência elaborado e validado necessita ser “testado”, ou seja, colocado em prática de forma simulada. Isso poderá ser feito por meio de exercícios de mesa ou exercícios externos. O importante é que o exercício simulado gire em torno do preconizado no plano. Ações não abrangidas, se necessárias, devem ser incluídas no plano antes do exercício.
- A ideia a ser transmitida é a de que o plano abrangerá, na medida do possível, todas as ações preconizadas na etapa de resposta, de maneira coordenada e articulada.
- Ressaltamos, todavia, que a existência de planos escritos não é condição necessária à resposta eficaz e eficiente a um desastre. A experiência prática de profissionais da área muitas vezes garantem que as ações transcorram de maneira coordenada.
- A Lei Federal n. 12.608/12, de 10 de abril de 2012, dispõe expressamente como competência dos entes municipais a realização regular de exercícios simulados, conforme Plano de Contingência de Proteção e de Defesa Civil, nos termos do artigo 8º, inciso XI.
- O multiplicador deverá incentivar a utilização do Sistema de Comando em Operações (SCO) para a coordenação das ações de resposta. Para fins didáticos, oriente a montagem do organograma apenas com as funções principais (Comando, Assessoria de Comando e o *Staff* Geral – Operações, Planejamento, Logística e Administração/Finanças).

Sugestão de Roteiro para a Avaliação:

É importante que seja realizada uma avaliação ao final do curso. Sugerimos que a sala seja configurada com o formato em círculo para o fechamento e a avaliação final. Outra sugestão é

que seja distribuída um questionário de avaliação do curso para os participantes. Nesse questionário, o participante deverá avaliar as atividades desenvolvidas, a organização, o local, os multiplicadores e, também, fazer sua autoavaliação.

Após o preenchimento do questionário, o multiplicador deverá fazer a sua avaliação abertamente ao grupo e solicitar que os participantes exponham as suas opiniões. Além disso, poderá indicar os locais onde eles podem obter mais informações sobre os temas tratados.

Referências

CEPED UFSC. **Atlas brasileiro de desastres naturais 1991 a 2010**: volume Brasil. Florianópolis: CEPED UFSC, 2012.

CEPED UFSC. **Atlas brasileiro de desastres naturais 1991 a 2012**: volume Brasil. Florianópolis: CEPED UFSC, 2013.

EIRD/ONU. **Estrategia Internacional para la Reducción de Desastres, Naciones Unidas**. Vivir con el Riesgo – Informe mundial sobre iniciativas para la reducción de desastres. Secretaría Interinstitucional de la Estrategia Internacional para la Reducción de Desastres, Naciones Unidas: EIRD/ONU, 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos professores. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 15, n. 42, May-Aug. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142001000200013>. Acesso em: 23 maio 2014.

GETS – Grupo de Estudos do Terceiro Setor. **Facilitando oficinas: da teoria à prática**. 2002. Disponível em: <<http://www.asdef.com.br/innova/assets/artigos/aducacao006.pdf>>. Acesso em: 23 maio 2014.

KOLB, David. **Experiential learning**: englewood cliffs. New Jersey: Prentice Hall, 1984.

WHO/UNAIDS. **Guidelines and tools for developing communication strategies for joint UN teams on AIDS**. 2008. Disponível em: <<http://ebookbrowse.net/jc1582-guidelines-tools-en-pdf-d24895348>>. Acesso em: 23 maio 2014.



ISBN 978-85-64695-79-5



Ministério da
Integração Nacional

